O CONSUMO DAS FAMÍLIAS NO BRASIL SEGUNDO A PESQUISA DE ORÇAMENTO FAMILIAR 2017-2018 E A PÓS-MODERNIDADE

**Resumo**

**O consumo pós-modernista útil que transforma as vidas dos indivíduos é a chave das gerações futuras. Destarte, esta pesquisa objetivou analisar o consumo das famílias brasileiras segundo a Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) 2017-2018, realizando-se uma pesquisa documental nos primeiros resultados da POF 2017-2018. Como resultados, percebeu-se uma ampla POF em duração (12 meses) e expansão territorial (57.920 domicílios), uma elevada influência das despesas de consumo na estrutura das despesas das famílias (92,6% para renda até R$ 1.908,00), um grande peso das despesas habitação/transporte/alimentação nas despesas de consumo (2/3 do total) e importantes diferenças nos consumos tanto entre as Grandes Regiões quanto na comparação das séries históricas. Conclui-se pela importância dos resultados no conhecimento da POF e do consumo e índices que ditam as condições de vida.**

**Palavras-chave:** Administração Pública. Consumo. Pesquisa de Orçamento Familiar. Pós-modernidade.

**ABSTRACT**

**Useful postmodernist consumption that transforms the lives of individuals is the key to future generations. Thus, this research aimed to analyze the consumption of Brazilian families according to the Brazilian Household Budget Survey (BHBS) 2017-2018, conducting a documentary research in the first results of the POF 2017-2018. As a result, it was realized a wide BHBS in duration (12 months) and territorial expansion (57,920 households), a high influence of consumption expenses on the structure of household expenses (92.6% for income up to R$ 1,908.00), a large share of housing/transportation/food expenses in consumption expenses (2/3 of the total) and important differences in consumption both among the Major Regions as the comparison of historical series. It concludes by the importance of the results in the knowledge of the BHBS and of the consumption and of the indices that dictate the conditions of life.**

**Keywords**: Public Administration. Consumption. Household Budget Survey. Post-Modernity.

1. INTRODUÇÃO

Consumir é algo inerente à vida das pessoas, mas “não um simples movimento em busca da satisfação de necessidades básicas ou de apropriação de bens” (SILVA; ARAÚJO; SOUZA, 2007, p. 105), pois, conforme esses autores, o consumo “diz respeito à totalidade das interações sociais, desde a distinção entre grupos, até o estado do sistema educacional e das inovações tecnológicas” (SILVA; ARAÚJO; SOUZA, 2007, p. 106).

Para além das interações sociais, surge na pós-modernidade - período iniciado por volta de 1950 e caracterizado por “visões contrastantes e críticas, com base na negação de valores e normas e na rejeição de uma única ordem” (TORRES, 2015, p. 2) - uma cultura muito forte de consumo, que extrapola a simples participação e interação nos cenários sociais e que se distancia um pouco do conceito de consumir trazido por Silva, Araújo e Souza (2007, p. 106) de que consumir é “participar dos cenários da vida social, de suas disputas e significados”.

E nessa perspectiva do consumo pós-modernista, vê-se que “a tarefa dos consumidores e o principal motivo que os estimula a se engajar numa incessante atividade de consumo, é sair dessa invisibilidade e imaterialidade cinza e monótona, destacando-se da massa [...]” (BAUMAN, 2008, p. 21). Parece ser essa a grande realidade por trás do consumo acima do normal existente em nossas sociedades: querer participar, mostrar-se, ser mais do que somente um no conjunto das pessoas.

Além disso, na ótica pós-modernista não basta somente consumir por consumir; toda pessoa só se tornará um sujeito de sua história, um verdadeiro consumidor, tornando-se antes mercadoria, é o que afirma Bauman (2008) que diz ainda que “ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável” (BAUMAN, 2008, p. 20).

Em vista disso, têm-se presente na pós-modernidade as grandes transformações sociais e institucionais que moldam e transformam as vidas dos indivíduos: valorização do mercado, modo de consumo exacerbado, variedade de produtos ofertados, natureza das empresas comerciais em expansão e identidade do cliente em dualidade – consumidor/mercadoria (BARDHI; ECKHARDT, 2017).

Desses apontamentos iniciais, entende-se a relevância do estudo do consumo das famílias sob um olhar da pós-modernidade, pois se verifica a necessidade do discernimento entre um consumo útil que proporciona conforto, lazer e prazer, satisfazendo, principalmente, as necessidades básicas humanas, a um consumismo destrutivo que atrai extravagância, desperdício e luxo e ignora o bem-estar ambiental e a necessidade das gerações futuras (QUOQUAB; MOHAMMAD, 2016).

Diante da importância do tema e do desconhecimento de informações referentes ao consumo das famílias brasileiras como, por exemplo, estruturação, participação no total das despesas, comparações entre os ambientes urbano e rural e dados anteriores, esta pesquisa tem como objetivo analisar o consumo das famílias brasileiras segundo a Pesquisa de Orçamento Familiar 2017-2018 (POF 2017-2018), a qual teve seus primeiros resultados publicados em 2019.

1. METODOLOGIA

Para atingir o objetivo deste trabalho, quanto aos procedimentos ou delineamentos, utilizou-se a POF 2017-2018 (IBGE) para uma análise documental, baseando-se nos dados sobre o orçamento familiar brasileiro, ou seja, “utilizando-se de fontes chamadas secundárias, como dados estatísticos elaborados por institutos especializados e considerados confiáveis para a realização da pesquisa” (PÁDUA, 1989, p. 154). Dessa maneira, realizou-se uma descrição da metodologia utilizada na referida pesquisa; a definição da estruturação das despesas de consumo; e a comparação do consumo das famílias segundo três aspectos: nos ambientes urbano e rural e Grandes Regiões, segundo as classes de rendimento extremo e comparando as séries históricas de pesquisas nacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A pesquisa constituiu-se em exploratória e descritiva. Exploratória, porque se torna útil quando o pesquisador não conhece as variáveis importantes a examinar (CRESWELL, 2007) e descritiva, pois visa detalhar os dados levantados, por meio de análise e interpretação das informações que serão coletadas da POF (SILVA; MENEZES, 2005).

Igualmente, no que tange aos resultados, a investigação foi do tipo básica, objetivando “gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática ‘prevista’” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20); e quanto à abordagem, qualitativa, analisando-se os dados coletados e procurando-se dar sentido às informações apresentadas na referida POF (CRESWELL, 2007).

Contudo, cabe ressaltar que este trabalho delimitou-se à análise das informações constantes na POF 2017-2018 não comparando esses dados com pesquisas de outros órgãos. Outra delimitação consistiu no não aprofundamento nos resultados quanto aos rendimentos das famílias, às despesas totais e nem ao tratamento em separado das despesas com alimentação, mas delineou-se sobre as estatísticas apresentadas dos hábitos de consumo das famílias brasileiras como um todo.

1. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A POF, realizada pelo IBGE, é uma das maiores e mais cuidadosamente projetadas pesquisas de orçamento familiar no mundo (BORLIZZI; DELGROSSIB; CAFIEROA, 2017). Iniciadas em 1974/1975, pelo Estudo Nacional de Despesa Familiar (ENDEF 1974-1975), e, posteriormente, pelas POF 1987-1988, POF 1995-1996, POF 2002-2003 e POF 2008-2009, essas pesquisas permitem “traçar, portanto, um perfil das condições de vida da população brasileira a partir da análise de seus orçamentos domésticos (IBGE, 2019, p. 7)”.

* 1. **Metodologia da POF 2017-2018: aspectos da amostragem e da coleta de informações**

A POF 2017-2018 foi realizada nas áreas urbana e rural em todo o Território Brasileiro no período de 11 de julho de 2017 a 9 de julho de 2018. Tendo em vista o longo período de distribuição de todo o seu processo (coleta de dados, compilação, análise e apresentação dos resultados), em torno de 24 meses, e as mudanças absolutas e relativas nos preços, requereu-se que os valores levantados na pesquisa fossem valorados a preços de uma data estipulada: 15 de janeiro de 2018 (IBGE, 2019).

Foram entrevistados 57.920 domicílios de 5.504 Unidades Primárias de Amostragem (UPAs), selecionadas por um procedimento de seleção de amostra aleatória simples a partir da amostra mestra dos setores censitários do IBGE (que são definidos por uma estratificação geográfica e estatística). Para esse fim, foram utilizados sete instrumentos para coleta das informações: POF 1 - Questionário de características do domicílio e dos moradores; POF 2 - Questionário de aquisição coletiva; POF 3 - Caderneta de aquisição coletiva; POF 4 - Questionário de aquisição individual; POF 5 - Questionário de trabalho e rendimento individual; POF 6 - Avaliação das condições de vida; e POF 7 - Bloco de consumo alimentar pessoal (IBGE, 2019).

Os 12 meses de efetiva pesquisa foram divididos em 52 períodos, sendo que, para cada domicílio selecionado, foram indicados, dentre esses períodos, dois consecutivos em que obrigatoriamente foi iniciada a coleta. Assim, as informações da POF foram obtidas diretamente nos domicílios particulares permanentes selecionados, por meio de questionários específicos sob a forma de entrevistas presenciais junto aos seus moradores, utilizando-se de computadores portáteis para registro e entrada de dados, durante um período de nove dias consecutivos (IBGE, 2019).

* 1. **Estruturação das Despesas de Consumo**

As despesas de consumo correspondem ao mais importante componente da estrutura de despesas das famílias e englobam o consumo com habitação, transporte, alimentação, assistência à saúde, educação, vestuário, higiene e cuidados pessoais, recreação e cultura, fumo, serviços pessoais e despesas diversas (em consumo). A Tabela 1 traz os dados que demonstram sua importância no conjunto das despesas das famílias.

**Tabela** **1** – Despesa Total média mensal familiar (monetária e não monetária), por situação do domicílio, segundo os tipos de despesa – Brasil - período 2017-2018

|  |  |
| --- | --- |
| Tipos de Despesa | Despesa monetária e não monetária média mensal familiar |
| Total | Situação do domicílio |
| Urbana | Rural |
| Valor (R$) |
| Total | 4.649,03 | 4.985,39 | 2.543,15 |
| Distribuição percentual (%) |
| Despesas Correntes | 92,7 | 92,8 | 92,1 |
| Despesas de consumo | 81,0 | 80,7 | 84,9 |
| Outras | 11,7 | 12,1 | 6,8 |
| Aumento do ativo | 4,1 | 4,0 | 4,5 |
| Diminuição do passivo | 3,2 | 3,2 | 3,8 |

**Fonte**: adaptado pelo autor de IBGE (2019, p. 40).

Percebe-se na Tabela 1 que o valor estimado para as despesas médias de consumo mensal familiar é de R$ 3.765,71 (81% da despesa total). Dessa forma, com o consumo num índice tão elevado de comprometimento das despesas totais torna-se necessário que o consumidor ‘equilibre-se na corda bamba’ e preocupe-se em gastar com moderação. Além disso, seria interessante a direção de um comportamento útil em seu consumo, como o que Quoquab e Mohammad (2016, p. 602), em seu estudo sobre o consumo sustentável, orientam: “o dinheiro que poderia ser utilizado para capacitar a sociedade ou atender às necessidades básicas dos que não têm nada é estragado para mostrar a riqueza de alguém”.

Além dessa análise do total das despesas de consumo, verifica-se que, fruto da grande diferença nos valores da despesa total rural e urbana, há um grande abismo entre os valores das despesas de consumo rural e urbano: o consumo rural (R$ 2.159,13) é quase metade do valor urbano (R$ 4.023,20).

* 1. **O Consumo nos ambientes urbano e rural e nas Grandes Regiões**

Para uma análise do consumo nos ambientes urbano e rural e entre as grandes regiões brasileiras, tem-se a Tabela 2 com informações percentuais de cada situação.

**Tabela** **2** – Distribuição do consumo (monetário e não monetário) média mensal familiar, por tipos de despesa, segundo a situação do domicílio e as Grandes Regiões – Brasil - 2017-2018

|  |  |
| --- | --- |
| Situação do domicílio e Grandes Regiões | Distribuição do consumo (monetário e não monetário) média mensal (%) |
| Total | Tipo de despesas |
| Ali-men-tação | Habi-tação | Ves-tuário | Trans-porte | Higie-ne e Cuida-dos Pes-soais | Assis-tência à saúde | Edu-cação | Recre-ação e Cultura | Fumo | Servi-ços Pes-soais | Des-pesas Diver-sas |
| Brasil | 100,00 | 17,5 | 36,6 | 4,3 | 18,1 | 3,6 | 8,0 | 4,7 | 2,6 | 0,5 | 1,3 | 3,0 |
| Urbana | 100,00 | 16,9 | 37,1 | 4,2 | 17,9 | 3,6 | 8,0 | 4,9 | 2,6 | 0,5 | 1,3 | 3,0 |
| Rural | 100,00 | 23,8 | 30,9 | 4,7 | 20,0 | 4,5 | 8,0 | 2,3 | 1,8 | 0,5 | 0,9 | 2,5 |
| Norte | 100,00 | 21,0 | 36,4 | 5,3 | 16,6 | 5,7 | 5,4 | 3,2 | 2,5 | 0,3 | 1,1 | 2,4 |
| Nordeste | 100,00 | 22,0 | 32,4 | 5,1 | 16,2 | 5,0 | 8,0 | 4,7 | 2,5 | 0,4 | 1,3 | 2,4 |
| Sudeste | 100,00 | 15,8 | 39,0 | 3,7 | 17,5 | 3,0 | 8,5 | 5,1 | 2,5 | 0,5 | 1,3 | 3,0 |
| Sul | 100,00 | 17,1 | 35,7 | 4,5 | 20,6 | 3,3 | 7,3 | 3,7 | 2,6 | 0,6 | 1,2 | 3,3 |
| Centro-Oeste | 100,00 | 16,6 | 33,4 | 4,5 | 21,0 | 3,6 | 8,0 | 4,7 | 2,7 | 0,4 | 1,3 | 3,8 |

**Fonte**: adaptado pelo autor de IBGE (2019, p. 43).

Analisando-se a Tabela 2 e tratando-se inicialmente do consumo das famílias nos ambientes urbano e rural, tem-se em educação (em destaque na tabela), que não possui o maior gasto de consumo, a maior diferença percentual: na área urbana as famílias gastam mais que o dobro em pontos percentuais (p.p.) que na área rural. Já no tocante aos três maiores percentuais de consumo (habitação, transporte e alimentação – também em destaque), vê-se uma discrepância nos ambientes: em relação à habitação, o maior consumo das famílias nos dois ambientes, consome-se 6,2 p.p. a mais nas cidades que no campo; já em relação à alimentação e transporte há uma inversão de ordem: no urbano consome-se mais em transporte que alimentação (percentuais bem próximos), o que é inverso no rural, onde o consumo é maior com alimentação que com transporte. Além disso, tanto alimentação quanto transporte são consumidos muito mais no rural que no urbano, 6,9 p.p. e 2,1 p.p., respectivamente, a mais.

Nessa análise entre o consumo urbano e rural, Paterson (2006) comenta que é fácil ver a conexão entre formas de vida recém-urbanas e padrões mais modernos de consumo, pois, nas cidades, passa-se a articular um novo senso de identidade que leva as pessoas a adornar o corpo com roupas e decorações e a comer e beber de uma maneira interpretável para os outros, ou seja, as pessoas no meio urbano tendem a viver e consumir quase que para os outros.

Passando-se à análise sobre as Grandes Regiões brasileiras da Tabela 2, tem-se o Quadro 1 com cada despesa de consumo diagnosticada em separado.

**Quadro 1** – Análise dos consumos das Grandes Regiões do Brasil tendo por base a Tabela 2

|  |  |
| --- | --- |
| Consumo com... | Análise das Grandes Regiões |
| Alimentação | As regiões Norte (21,0%) e Nordeste (22,0%) têm consumo acima da média do Brasil (17,5%). Já o Sudeste é a região com menor consumo no país nesse item |
| Habitação | Neste quesito, o Sudeste (39,0%) é a região com índice acima da média brasileira (36,6%) e o Nordeste possui o menor índice (32,4%) |
| Vestuário | Todas as regiões, com exceção do Sudeste (3,7%), possuem índices acima da média brasileira (4,3%) |
| Transporte | Se gasta mais nesse item nas regiões Centro-Oeste (21%) e Sul (20,6%) que a média do Brasil (18,1%). Já as outras regiões encontram-se com índices próximos e abaixo da média nacional |
| Higiene e cuidados pessoais | As regiões Norte (5,7%) e Nordeste (5,4%) despontam entre as outras regiões que possuem índices próximos à média nacional (3,6%) |
| Assistência à saúde | Com exceção da região Norte (5,4%), todas as outras regiões possuem índices próximos entre si e parecidos com a média nacional (8,0%) |
| Educação | Neste importante índice, o Sudeste (5,4%) desponta acima da média brasileira (4,7%), enquanto que Norte (3,2%) e Sul (3,7%) são as regiões com menores índices |
| Recreação e cultura /Serviços pessoais | Nestes dois consumos, praticamente todas as regiões estão no mesmo patamar nacional (2,6% e 1,3%, respectivamente) |
| Fumo | A região com menor consumo é a Norte (0,3%), a metade da que mais consome (região Sul - 0,6%). As outras regiões estão com seus índices bem próximos à média nacional (0,5%) |
| Despesas Diversas | A região Centro-Oeste (3,8%) é a que mais se destaca; já as regiões Norte e Nordeste (2,4% cada) as que menos consomem neste item em relação à média brasileira (3,0%) |

**Fonte**: elaborado pelo autor (2020)

* 1. **O Consumo conforme o rendimento das classes extremas**

Outra importante análise a ser executada sobre os dados de consumo da POF 2017-2018 é a que compara o consumo familiar conforme os rendimentos das classes. Para esse fim, traz-se o consumo das famílias de classes extremas de rendimentos (a que recebe até R$ 1.908,00 e a que percebe R$ 23.850,00 ou mais), abordando o consumo dessas famílias com dados percentuais de cinco tipos de despesas: alimentação, habitação, transporte, assistência à saúde e educação. As outras seis classes de despesas de consumo estão englobadas conjuntamente em “outras”.

Inicialmente, há de se comentar a discrepância do peso do consumo nos dois grupos de famílias comparados. Enquanto nas famílias com renda mais baixa o consumo representa 92,6% de suas despesas totais, nas de renda mais alta somente 66,3%. Isso equivale dizer que esse segundo grupo pode investir muito mais de sua renda no aumento do patrimônio familiar que o primeiro grupo.

Agora, sobre a análise dos itens da despesa de consumo, tem-se que a alimentação no primeiro grupo corresponde a 22,0% dos rendimentos, quase o triplo do correspondente ao segundo grupo (7,6%). Demonstra-se o peso deste consumo nas famílias mais pobres, sendo somente menor que as despesas de consumo com habitação.

O ‘morar’ para as famílias mais pobres corresponde a um percentual altíssimo de sua renda, praticamente 40%, quase o dobro do valor gasto pelas famílias mais ricas (22,6%). Neste tipo de despesa, cabe continuar ressaltando as diferenças com os gastos pelas famílias mais pobres: aluguel, 20,6% contra 10,7% do grupo com rendimentos mais elevados; e serviços e taxas, 11,2% contra 3,5%.

Com o transporte, a participação registrada para o grupo de famílias com os maiores rendimentos foi maior: 15,3% contra 9,4%. Nesse componente, destacam-se as diferenças dos mais pobres para os mais ricos também: enquanto que as famílias do primeiro grupo consomem mais transporte urbano (2,1% contra 0,4%), as famílias de elevados rendimentos gastam mais com veículos (7,5% contra 2,3%).

No tocante à assistência à saúde, os gastos dos mais pobres e dos mais ricos foram similares (5,9% e 5,6%, respectivamente). No entanto, a composição desses gastos difere bastante. Com remédios, o primeiro grupo gasta 4,2% de sua renda, enquanto que o segundo somente 1,4%, demonstrando-se o peso dos gastos com medicamentos para os mais pobres. Por outro lado, a participação correspondente ao plano/seguro de saúde foi de 2,9% na classe com altos rendimentos, tendo alcançado somente 0,4% na classe oposta, concluindo-se que os mais pobres vão depender quase que exclusivamente do Sistema Único de Saúde (SUS).

Quanto à educação, as participações demonstram uma situação preocupante no país: as famílias de mais baixa renda aplicam 1,9%, enquanto que a classe dos valores mais elevados 5,1%. Percebem-se baixos montantes de aplicações numa área tão importante.

Em outras despesas de consumo, que englobam vestuário, higiene e cuidados pessoais, recreação e cultura, fumo, serviços pessoais e despesas diversas, o primeiro grupo de famílias (menores rendimentos) consomem 14,2% de sua renda com esses itens, 4 p.p. a mais que o segundo grupo (10,2%), isto é, pesa aos mais pobres o vestir-se, o cuidar-se, a diversão, entre outros. Santos (2003, p. 64) esclarece bem a situação dos menos favorecidos dizendo que “[...] sua convivência com a escassez é conflituosa e até pode ser guerreira. Para eles, viver na esfera do consumo é como querer subir uma escada rolante no sentido da descida. Cada dia acaba oferecendo uma nova experiência da escassez”.

* 1. **O consumo segundo as séries históricas de pesquisas nacionais do IBGE**

A última análise quanto ao consumo das famílias passa por comparar as mesmas despesas de consumo analisadas no item anterior (alimentação, habitação, transporte, assistência à saúde e educação) com um olhar nas séries históricas de pesquisas de consumo divulgadas pelo IBGE. Para isso, a Tabela 3 apresenta um histórico com quatro pesquisas de âmbito nacional: ENDEF 1974-1975, POF 2002-2003, POF 2008-2009 e POF 2017-2018. É oportuno informar que as POF 1987-1988 e POF 1995-1996 não entraram no histórico da tabela, pois foram concebidas para atender, prioritariamente, informações para o IBGE de preços ao consumidor, tendo sido realizadas somente em nove Regiões Metropolitanas (Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre), no município de Goiânia e no Distrito Federal (IBGE, 2019).

**Tabela 3** – Participação na despesa de consumo monetária e não monetária média mensal familiar, no ENDEF e nas POF, segundo os tipos de despesas selecionadas - Brasil - 1974/2018

|  |  |
| --- | --- |
| Tipos de despesas selecionadas | Participação na despesa de consumo monetária e não monetária média mensal familiar (%) |
| ENDEF1974 -1975 (1) | POF |
| 2002-2003 | 2008-2009 | 2017-2018 |
| Alimentação | 33,9 | **82,0** | 20,8 | **85,3** | 19,8 | **85,6** | 17,5 | **84,8** |
| Habitação | 30,4 | 35,5 | 35,9 | 36,6 |
| Transporte | 11,2 | 18,4 | 19,6 | 18,1 |
| Assistência à saúde | 4,2 | 6,5 | 7,2 | 8,0 |
| Educação | 2,3 | 4,1 | 3,0 | 4,7 |
| Outros | 18,0 | 14,7 | 14,4 | 15,2 |

**Fonte**: adaptado pelo autor de IBGE (2019, p. 47)

(1) Exclusive a área rural das Regiões Norte e Centro-Oeste.

Inicialmente, na análise da Tabela 3, o percentual total do grupo das cinco despesas de consumo analisadas demonstra certa homogeneidade nos índices desde o ENDEF até a última POF, variando de 82,0% a 85,6%.

Já o consumo de alimentação sofreu alterações expressivas no histórico considerado, apresentando um decréscimo acentuado na evolução do tempo: saindo de 33,9% em 1974-1975 para 17,5% em 2017-2018, uma redução de quase metade do índice inicial. Isto mostra um peso menor da alimentação no bolso das famílias e mais dinheiro sendo gasto com as outras despesas.

Na despesa de consumo com habitação, há um acréscimo de 5.1 p.p. do ENDEF para a POF 2002-2003 (30,4% para 35,5%), mas uma quase estabilidade entre as POFs, percebendo-se um leve crescimento entre elas (saindo dos 35,5% em 2002-2003 e finalizando com 36,6% em 2017-2018).

Quanto às despesas de consumo com transporte, ocorreu o semelhante à habitação, só que com um percentual de aumento inicial bem maior: do ENDEF para a POF 2002-2003 acréscimo inicial de 7,2 p.p. (de 11,2% para 18,4%) e, depois, certa estabilidade entre as POF. No entanto, a POF 2008-2009 apresentou o maior índice entre elas 19,6%.

Em relação à assistência à saúde, percebe-se a crescente importância e o peso deste item no consumo das famílias: seu primeiro índice na ENDEF 1974-1975 foi 4,2%, evoluindo para 6,5% na POF 2002-2003, 7,2% na POF 2008-2009 e finalizando com, praticamente, o dobro do índice inicial 8,0% na POF 2017-2018. Essa evolução mostra que cuidar da saúde está cada vez mais caro e que, possivelmente, os serviços públicos de assistência à saúde da população não alcançam atender bem a todos.

Outro ponto sensível para a população, educação, mostrou que seu consumo cresceu alternando-se na evolução da história. Inicialmente, houve um aumento considerável do ENDEF 1974-1975 para a POF 2002-2003 (2,3% para 4,1%), passando para 3,0% na POF 2008-2009 e finalizando com 4,7% na POF 2017-2018, mais que o dobro do índice inicial. Esses índices sinalizam os crescentes custos da educação para as famílias brasileiras.

Concluindo essa análise do consumo de 1974 a 2018, cabe mencionar Bauman (2008, p. 37) dizendo que “qualquer modalidade de consumo considerada típica de um período específico da história humana pode ser apresentada sem muito esforço como uma versão ligeiramente modificada de modalidades anteriores”. Entendem-se, assim, as variações de consumo na história e as adaptações das pessoas a esse consumo que sempre existirá.

1. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A POF 2017-2018 apresentou-se como uma pesquisa de amplo espectro realizada no Brasil, na qual se verificou, principalmente, o peso do consumo das famílias com habitação, transporte e alimentação. Além disso, a pesquisa mostrou ainda as diferenças de consumo quanto aos ambientes urbano e rural, às regionalidades do país e às diferentes faixas de rendimentos salariais.

Contudo, todos esses resultados precisam ser analisados sob a ótica da influência da pós-modernidade no ordenamento diário das relações interpessoais, das pessoas com as finanças e na administração pública, para que esse árduo e vasto trabalho possa ser melhor compreendido e utilizado na condução de políticas públicas mais eficientes e eficazes.

**REFERÊNCIAS**

BARDHI, Fleura; ECKHARDT, Giana M.. Liquid Consumption. In: *Journal of Consumer Research*, v. 44, 2017, p. 582-597. DOI 10.1093/jcr/ucx050.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo*: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BORLIZZI, Andrea; DELGROSSIB, Mauro Eduardo; CAFIEROA, Carlo. National food security assessment through the analysis of food consumption data from Household Consumption and Expenditure Surveys: the case of Brazil’s Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008/09. In: *Food Policy*, 2017, p. 20-26. DOI: http://dx.doi.org/10.1016/j.foodpol.2017.08.009.

CRESWELL, J. W. *Projeto de Pesquisa*: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed.. Porto Alegre: Artmed, 2007, 247 p..

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018*: primeiros resultados / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. 69 p. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101670. Acesso em: 15 fev. 2020.

PÁDUA, Elisabete M. M. de. *O trabalho monográfico como iniciação à pesquisa científica*. In: CARVALHO, Maria Cecília M. de. (org.). Construindo o saber: metodologia científica, fundamentos e técnicas. 20. ed. Campinas: Papirus, 2009. p. 147-169.

PATERSON, Mark. *Consumption and everyday life*. London: Routledge, 2006. 252 p.

QUOQUAB, Farzana; MOHAMMAD, Jihad. Sustainable Consumption: sacrificing for the future. In: *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, n. 224, 2016. p. 599-604.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal. 10. ed.. Rio de Janeiro: Record, 2003. 85 p.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4. ed.. Florianópolis: UFSC, 2005, 138 p..

SILVA, Frederico Barbosa da; ARAÚJO, Herton Ellery; SOUZA, André Luis. *O consumo cultural das famílias brasileiras*. In: SILVEIRA, Fernando Gaiger et al. (org.). Gasto e consumo das famílias brasileiras contemporâneas. Brasília: Ipea, 2007. v. 2, 552 p. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Livro\_completo2.pdf. Acesso em: 15 fev. 2020.

TORRES, Ana. Pós-modernidade e consumo: desafios ao neo-marketing. In: *European Journal of Applied Business Management*, v. 2, n. 1, 2016, 17 p.